



ENTRE O DIÁRIO E A CRÔNICA: VARIAÇÃO ESTILÍSTICA EM ESCRITOS DE MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

BETWEEN THE DIARY AND THE CHRONICLE: STYLISTIC VARIATION IN THE WRITINGS OF MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Dilcilene de Souza Cabral

<https://orcid.org/0009-0000-6090-3226>

Daniela Souza Silva Costa

<https://orcid.org/0000-0002-2133-9893>

Resumo: A variação estilística está presente tanto na língua falada quanto na escrita, visto que esta também está relacionada a diferentes contextos de uso, realidade que se insere na própria prática linguística. Nessa direção, o presente artigo visa analisar características dessa variação em um diário pessoal, escrito por Maria da Glória Sá Rosa, em 1998, e na crônica Rússia–Moscou — uma lembrança para sempre (Rosa, 2001), publicada pela mesma autora três anos depois. Com base no aporte teórico da Sociolinguística laboviana (Coelho et al., 2012; Freitag; Lima 2010; Labov, 2008; Santos Silva, 2015), o estudo possibilita compreender os papéis sociais desempenhados por Rosa em cada situação de comunicação, conforme o grau de formalidade e os contextos de produção. Ademais, é realizada uma associação com a teoria bakhtiniana (Bakhtin, 2016), a fim de entender a distinção entre os gêneros discursivos que compõem o corpus da pesquisa. Os resultados obtidos demonstram que, ao assumir o papel de diarista, Rosa possui mais liberdade para adotar o registro informal, devido à situação de menor monitoramento linguístico e à priorização da função interpessoal (Kleiman, 2002); enquanto na posição de cronista, em que esse monitoramento é maior, há predomínio do registro formal e presença da função referencial.

Palavras-chave: Variação estilística; Sociolinguística; Gêneros discursivos; Maria da Glória Sá Rosa.

Abstract: Stylistic variation is present in both spoken and written language, as these forms of language are also adapted to different contexts of use, a reality inherent to linguistic practice. In this context, this article aims to analyze aspects of this variation in a personal diary written by Maria da Glória Sá Rosa in 1998 and in the chronicle Rússia–Moscou — uma lembrança para sempre (Rosa, 2001), published by the author three years later. Based on the theoretical framework of Labovian sociolinguistics (Coelho et al., 2012; Freitag & Lima 2010; Labov, 2008; and Santos Silva, 2015), the study makes it possible to determine the social roles played by Rosa in each communicative situation, according to the degree of formality and contexts of production. Besides, the study draws on Bakhtinian theory (Bakhtin, 2016) in order to understand the distinction between the discursive genres that constitute the research corpus. The results obtained show that, when Rosa assumes the role of a diarist, she has greater freedom to adopt an informal register, due to the lower degree of linguistic monitoring in the situation and the prioritization of the interpersonal function (Kleiman, 2002); whereas, in the role of a chronicler, in which monitoring is higher, there is a predominance of the formal register and the presence of the referential function.

Keywords: Stylistic variation; Sociolinguistics; Speech genres; Maria da Glória Sá Rosa.

INTRODUÇÃO

A Sociolinguística surgiu em meados do século XX, tendo como objeto de estudo a língua nos diferentes contextos sociais, uma vez que cada situação comunicativa possui suas particularidades. Sendo assim, trata-se de “[...] uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística” (Cezario; Votre, 2010, p. 141).

Segundo essa vertente de estudos e considerando a heterogeneidade social, a variação “[...] é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes” (Coelho et al., 2012, p. 25). Qualquer indivíduo, portanto, pode assumir diferentes papéis, a partir de escolhas linguísticas influenciadas pelo ambiente social, uma vez que língua e cultura se autodeterminam.

Tendo em mente, pois, que todas as línguas variam e que essa variação não é apenas externa, mas também tem determinantes internos, elas podem se particularizar em relação a distintos fatores, tanto linguísticos, como em contextos fônicos, quanto extralinguísticos, como sexo, idade e situações comunicativas. E, dentre as formas de variação estudadas pela referida disciplina, tem-se a chamada variação estilística, também denominada diafásica. Esta engloba o estilo adotado pelo falante em cada circunstância, como o tipo/gênero do texto, o assunto e o ambiente de interação (Santos Silva, 2015, p. 21). A mensagem, então, adquire um caráter mais ou menos formal, de modo a se adaptar à situação comunicativa.

Entendendo-se que na pesquisa sociolinguística a “[...] principal tarefa é mostrar a variação sistemática linguística da estrutura social e o relacionamento causal em uma direção ou outra” (Borin, 2010, p. 20), este trabalho se propõe a analisar a variação estilística em um diário de Maria da Glória Sá Rosa, escrito em 1998, e na crônica Rússia–Moscou — uma lembrança para sempre (Rosa, 2001). O corpus utilizado está disponível no Acervo Maria da Glória Sá Rosa (AMGSR), um espaço de pesquisa e visitação localizado no Bloco F da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Ele acomoda a coleção pessoal de Maria da Glória Sá Rosa, professora, escritora e incentivadora cultural em Mato Grosso do Sul, considerada uma personalidade importante para a construção da cultura e da educação do estado. Nessa direção, como critério de seleção, buscamos no AMGSR uma crônica na obra Crônicas de Fim de Século (Rosa, 2001), primeira obra literária publicada pela autora, em que o acontecimento tivesse sido inicialmente registrado em uma das cinquenta e uma (51) agendas de Rosa, nas quais a autora registrou “[...] anotações pessoais, prospectos, revistas de atualidades, guias de

viagens etc” (Chaves; Santos, 2024, p. 154), utilizando-as como suporte¹ para diferentes gêneros discursivos, inclusive o diário (Cabral, 2024, p. 19).

Considerando que ambos, crônica selecionada e diário, relatam o mesmo acontecimento, a excursão à Rússia realizada pela autora em 1998, bem como a extensão deste texto, selecionamos sete pares de fragmentos em que é possível observar essa forma de variação, em específico no que diz respeito aos diferentes tipos de registros. Estes, ao serem retratados em contextos comunicativos distintos, podem ser considerados enquanto formas de variação estilística (Santos Silva, 2015, p. 21).

Ainda, frente ao exposto, espera-se que, por meio desta análise, seja possível compreender como determinados papéis sociais desempenhados pela autora influenciaram sua escrita, mesmo quando utilizando por base o mesmo referencial. Mormente, pretende-se divulgar e disseminar conhecimentos acerca do AMGSR, espaço de cultura e memória.

ENTRE LÍNGUA, TEXTO E SOCIEDADE: BREVE PANORAMA E FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Segundo Saussure (1999, p. 7), desde os primórdios da civilização grega, o ser humano estudava a língua e buscava atribuir-lhe um estatuto entre as ciências. Porém, antes que isso ocorresse, a ciência da língua passou por três fases: a Gramática, estudada pelos gregos e franceses, a qual exprime uma visão normativa, sendo fundamentada na lógica; a Filologia, que visava ao estudo do texto, em uma abordagem interpretativa e comparativa; e, por último, a Gramática Comparada, a qual tinha como objetivo comparar as línguas indo-europeias.

É nesse contexto que, no século XX, surge a Linguística, adquirindo um viés científico a partir da publicação do livro *Curso de linguística geral*, de Saussure, em 1916. Para o autor, a disciplina trata de “[...] todas as formas de expressão” (Saussure, 1999, p. 13) da linguagem humana, possuindo como tarefas descrever todas as línguas possíveis, depreender leis gerais destas e estabelecer seus próprios limites. Além disso, ele define como objeto da Linguística a língua, a qual é “[...] ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (Saussure, 1999, p. 17), ou seja, é um sistema de signos, homogêneo e primordial aos falantes.

Ao observar a língua estruturalmente, Saussure a entende como um sistema de oposições. Assim, ele define em sua proposta quatro dicotomias principais:

¹ Marcuschi (2003) entende o suporte como um lugar físico ou virtual, cujo formato específico serve para fixar e exibir um texto.

língua/fala, sincronia/diacronia, significado/significante e sintagma/paradigma. Dentre essas, a primeira e a segunda são importantes para o entendimento da Sociolinguística, a qual surge como uma reação ao estruturalismo saussuriano.

Como já mencionado, a língua é social e, assim, essencial ao falante, enquanto a fala é “[...] um ato individual de vontade e inteligência [...]” (Saussure, 1999, p. 22), fator que não permitiria o seu estudo isoladamente. Em relação à sincronia e à diacronia, a primeira refere-se ao estudo da língua em um recorte, isto é, de forma estática; a última, por sua vez, dedica-se à evolução da língua. Dessa forma, como as alterações na língua acontecem, inicialmente, apenas em alguns elementos do sistema e não em sua estrutura na totalidade, a Linguística deveria se ocupar somente da perspectiva sincrônica segundo a perspectiva saussuriana.

Outra teoria que estuda a língua por uma ótica que desconsidera sua realidade social e sua historicidade é a Linguística Gerativa, ou Gerativismo. Nessa corrente, que se iniciou na década de 1950 com os estudos de Noam Chomsky sobre o funcionamento cognitivo da linguagem humana, o objetivo é “[...] descrever os procedimentos mentais que ‘geram’ as estruturas da linguagem, como as palavras, as frases e os discursos” (Kenedy, 2013, p. 17). Assim, busca-se estabelecer um sistema de regras de criação de sentenças de uma língua.

Expostas ambas as disciplinas, pode-se compreender que a Sociolinguística surge em oposição às duas, visto que tanto a Linguística quanto o Gerativismo “[...] consideram a língua como uma realidade abstrata [...]” (Coelho et al., 2012, p. 14), isto é, alheia a fatores externos à língua. No entanto, diversos autores do século XX buscavam estudar a língua justamente por seu caráter social, como Antoine Meillet, linguista francês e aluno de Saussure, para o qual “[...] todo fato de língua manifestava um fato de civilização” (Borin, 2010, p. 10), sendo a língua, então, um fato social.

Nesse mesmo período, pensadores soviéticos se dedicavam ao estudo da língua sob uma perspectiva marxista, como Nicholas Marr e Bakhtin. O primeiro acreditava que todas as línguas possuem uma origem em comum, são formas de poder e possuem estágios que refletem os estágios da sociedade (Coelho et al., 2012, p. 16). Já o segundo teoriza que “[...] a interação discursiva é a realidade fundamental da língua” (Bakhtin, 2018, p. 219), posicionando-se contra o objetivismo abstrato (estruturalismo saussuriano), visto que este nega a natureza social da língua.

Segundo Bakhtin (2018, p. 220), a língua deve ser historicamente situada, ao surgir a partir da interação discursiva. Dessa forma, sua evolução ocorre da seguinte maneira: “[...] a comunicação social se forma (fundamentada na base), nela se criam a comunicação e a interação verbal e nessa última se constituem as

formas dos discursos verbais e, por fim, essa formação se reflete na mudança das formas da língua” (Bakhtin, 2018, p. 220-221, grifos do autor).

Nesse sentido, a língua está em constante processo de formação e transformação, posto que, segundo a perspectiva bakhtiniana, os interlocutores vão organizando suas produções textuais considerando a interação social. Esta congrega fatores linguísticos, como léxico e gramática, bem como elementos linguísticos que já revelam determinantes extralinguísticos, como norma e noções de gêneros textuais. Assim, é possível estabelecer um diálogo entre Sociolinguística laboviana, surgida na década de 1960, e a teoria bakhtiniana, pois aquela também engloba condicionantes linguísticos e extralinguísticos em seus estudos.

No livro Padrões sociolinguísticos (2008, p. 215), Labov questiona o uso do termo “sociolinguística” para nomear pesquisas linguísticas que tratam da utilização concreta da língua em comunidades de fala, como a feita pelo próprio autor em Martha’s Vineyard. Para ele, esse emprego é redundante, visto que “a língua é uma forma de comportamento social” (Labov, 2008, p. 215) e a Sociolinguística abrange várias áreas, como a Etnolinguística, a Geolinguística e a Sociologia da linguagem.

Desse modo, a Sociolinguística norte-americana é uma teoria interdisciplinar, relacionando-se com a Antropologia, com a Geografia e com a Sociologia, sendo os seus principais interesses: o bilinguismo, as línguas minoritárias, a mudança e a variação linguística, entre outros. Destes, interessa-nos, no contexto deste trabalho, o último conceito, que será apresentado na próxima sessão.

Haja vista, pois, as contribuições dos estudos sociolinguísticos e bakhtinianos, encontramos aproximações entre os estudos. Isso porque, enquanto Bakhtin considera a interlocução e seus elementos constituintes como a base para a produção textual dos interlocutores, a Sociolinguística considera as relações sociais para a pesquisa da língua falada (reveladas na língua por meio das influências do meio social), inclusive no que tange às diferenças linguísticas associadas às circunstâncias de comunicação, o que se pode entender como interação.

Na pesquisa Sociolinguística, a língua não pode ser separada de seu componente social. Assim, o objeto dessa disciplina é a fala, que é “[...] observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (Borin, 2010, p. 12), sendo utilizadas, geralmente, entrevistas e/ou amostragens das comunidades de fala como métodos.

Dessa maneira, as possibilidades de estudo na área são diversas, devido à existência de inúmeras comunidades linguísticas. Nessas é possível perceber a existência da variação linguística, posto que:

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. [...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores lingüísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional (Labov, 2008, p. 238).

Isso ocorre porque as línguas não são sistemas homogêneos, mas sim heterogêneos, abrangendo tanto as formas variáveis quanto as categóricas. Contudo, isso não significa que há um caos na língua, pois essa heterogeneidade é estruturada, ou seja, possui regras, as quais não são apenas categóricas, mas também variáveis. Estas últimas são o fenômeno que a Sociolinguística busca decifrar, investigando quais “[...] regras permitem que, em certos momentos, em certos contextos linguísticos e sociais, falemos de uma forma, e, em outros contextos, de outra forma” (Coelho et al., 2012, p. 24).

Nesse sentido, nos estudos da Sociolinguística, há dois níveis de variação: o interno, relacionado à investigação de fatores linguísticos que podem influenciar a variação, como contexto fônico, estrutura silábica e tonicidade; e o externo, que diz respeito ao estudo de fatores extralinguísticos — como idade, sexo e escolaridade — que favorecem a disseminação da variação linguística que teve origem no sistema. É importante salientar, no entanto, que, embora haja essa divisão, cujo viés é didático, a variação acontece sempre nos elementos linguísticos: para Labov (2008, p. 262), a variação tem início no sistema e disseminação na sociedade.

Assim, fatores externos, isto é, não estritamente linguísticos, são tão importantes quanto os fatores internos. Aqueles estão relacionados à diversidade social, como escolaridade, classe socioeconômica, sexo, idade, origem, entre outros; enquanto estes estão relacionadas a aspectos inerentes ao sistema linguístico, como variações lexicais, fonológicas e morfológicas. Dentre os tipos de variação existentes, interessa-nos, principalmente, a variação estilística.

Labov (2008, p. 91-92) afirma que os linguistas sempre reconheceram os problemas da variação estilística, mas não se dedicaram a ela por não possuírem métodos para o seu estudo. O autor, então, define alguns parâmetros para a investigação de variáveis linguísticas, notadamente fonológicas, buscando determinar em que contexto o falante utiliza cada estilo de fala.

Conforme Santos Silva (2015, p. 21), a variação diafásica, também conhecida como variação de registro ou estilística, “[...] compreende as diferenças linguísticas associadas às circunstâncias de comunicação — tipo de texto, assunto da mensagem, lugar da interação etc”, sendo uma característica das línguas naturais. Desse modo, ela revela aspectos socioculturais, sendo influenciada pelo ambiente, pelo assunto, pelos graus de formalidade e de intimidade, entre outros.

Além disso, ela está [...] sujeita aos ‘papéis sociais’ que as pessoas desempenham nas interações que se estabelecem em diferentes ‘domínios sociais’: no lar, na escola, na igreja, com os amigos, no trabalho, etc” (Freitag; Lima, 2010, p. 130), considerando que as funções sociais — a exemplo de pai, filho, amigo, funcionário — exercidas pelos indivíduos se alteram a cada contexto comunicativo.

Considerando o exposto, na variação diafásica são considerados o estilo e o modo de falar próprio do indivíduo, os quais são adequados conforme a situação social. Em relação ao estilo, adotaremos a definição que Marouzeau apresenta ao diferenciá-lo do conceito de língua, por meio da qual “[...] se pode definir a língua como a soma dos meios de expressão que nós dispomos para organizar o enunciado, o estilo, como o aspecto e a qualidade que resultam da escolha entre esses meios de expressão” (Marouzeau, 1969, p. 17, apud Bençal; Baronas; Semczuk, 2013, p. 340).

Ainda, como expresse anteriormente, a adequação ao contexto em que a comunicação ocorre é um dos fatores determinantes da variação estilística e em muito se aproxima da perspectiva bakhtiniana. Segundo Coelho et al. (2012, p. 82), sob um viés sociolinguístico, em contextos mais formais costumamos utilizar uma linguagem mais monitorada², enquanto o oposto acontece em situações consideradas informais. A primeira linguagem é denominada registro formal, enquanto a última, registro informal. Desse modo, os registros demonstram o nível de formalidade da fala, sendo uma escala que “[...] varia continuamente do mais informal para o mais formal” (McCleary, 2007, p. 48).

Também para a visão dialógica da linguagem, de base bakhtiniana, assim como nas situações de fala, os gêneros discursivos, que se relacionam tanto à oralidade quanto à escrita, são, em essência, mais ou menos formais, a depender da situação comunicativa, sendo que, em alguns casos, o tipo de registro é inerente às particularidades do gênero. Por exemplo, um artigo científico é mais formal que um artigo de revista, mas aquele deve ser formal, enquanto este tem a possibilidade de adotar tanto o registro formal quanto o informal, a depender do veículo em que se manifesta (por exemplo, uma revista científica ou uma de curiosidades).

² Segundo Coelho *et al.* (2012, p. 122), o monitoramento linguístico está relacionado ao nível de atenção conferido à fala em cada contexto de uso.

O estudo acerca dos gêneros discursivos foi desenvolvido a partir de Bakhtin (2016), que formulou uma das concepções mais influentes sobre os gêneros, compreendendo-os como formas relativamente estáveis de enunciados produzidos nas diferentes esferas da atividade humana. Para o autor, a sociedade gira em torno da linguagem, uma vez que é por meio dela que nos comunicamos em todas as esferas sociais (Bakhtin, 2016, p. 20). O autor e o Círculo³ visaram em seus estudos:

[...] apresentar uma concepção de linguagem que não apenas estivesse desvinculada da compreensão da língua como representação individual de pensamento (visão subjetivo-idealista), assim como da língua como sistema abstraído das práticas sociais de uso (visão objetivista-abstrata) (Pereira; Rodrigues, 2010, p. 149)

Nesse viés, Bakhtin (2016, p. 12, grifo do autor) defende a ideia de que cada um dos campos em que empregamos a língua desenvolve “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados ⁴[...]”, denominados gêneros discursivos. Estes irão refletir os contextos e os objetivos de cada uma dessas esferas tanto por seu conteúdo temático, quanto por seu estilo e sua construção composicional. O primeiro diz respeito ao que um gênero diz e faz em textos, como, por exemplo, solicitar que uma certa ação seja realizada; o segundo refere-se aos recursos gramaticais, lexicais e fraseológicos utilizados para realizar o conteúdo temático; já o último relaciona-se ao modo como desenvolvemos o conteúdo temático — exclamando, comentando, interrogando, entre outros (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 1087-1088).

Segundo Bakhtin (2016, p. 12), os gêneros do discurso são extremamente heterogêneos, visto que sua riqueza e multiplicidade são inesgotáveis. Isso é devido à atividade humana ser diversa e ininterrupta, fazendo com que suas esferas sejam reelaboradas e surjam novos gêneros discursivos. Embora seja impossível elaborar um plano de estudos para todos os gêneros existentes, o autor enfatiza a necessidade de se atentar à diferença entre os gêneros discursivos primários — simples, originados em contextos comunicativos mais imediatos — e os secundários — complexos, majoritariamente escritos e formados em situações de comunicação mais elaboradas.

Os gêneros discursivos secundários, em seu processo de elaboração, absorvem e reconstituem os gêneros primários, os quais deixam de se associar imediatamente com a realidade (Bakhtin, 2016, p.15). Isso altera a forma dos

³ Conforme Faraco (2009, p. 13), o Círculo de Bakhtin é o nome dado por pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia entre 1919 e 1929, a fim de estudar a linguagem. Era um grupo multidisciplinar, cujos pensadores mais conhecidos são Bakhtin, Volochinov e Medvedev.

⁴ Bakhtin (2016, p. 31) define os enunciados como a real unidade da interação. Eles atuam como elos na corrente da comunicação discursiva e são limitados pela alternância dos falantes.

gêneros, que se tornam outros ligeiramente diferentes, ou gera novos gêneros totalmente distintos, sendo a esse fator que se deve a estabilidade relativa dos gêneros discursivos.

Na perspectiva do autor, os gêneros discursivos abrangem não só as formas mais consagradas — como o romance, o drama e outros gêneros literários —, mas também os gêneros do cotidiano, a exemplo das réplicas do diálogo, dos relatos, das cartas e dos diários. Cada um desses gêneros terá um estilo próprio, o qual é parte essencial do enunciado, sendo determinado pelo campo de atividade e da comunicação em que este está inserido. Nas palavras de Bakhtin (2016, p. 17, grifo nosso), “todo estilo está indissoluvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”, sendo todo e qualquer enunciado individual, isto é, pertencente a um autor.

No entanto, ainda que revelem a individualidade dos enunciadores, alguns gêneros são mais favoráveis a integrar o estilo individual em sua forma (Bakhtin, 2016, p. 17). Os menos propícios são os padronizados (documentos oficiais, ordens militares, leis), enquanto os mais propícios são as ficções literárias (romances, fantasia), sendo que em gêneros distintos podem ser refletidos diferentes aspectos da singularidade do sujeito.

Frente ao exposto, justificamos o referencial teórico adotado, a Sociolinguística laboviana, doravante Sociolinguística, e o Dialogismo bakhtiniano, tendo em vista que, no caso das análises aqui empreendidas, estudaremos como a variação estilística se apresenta em textos de Maria da Glória Sá Rosa a partir dos gêneros discursivos por ela produzidos. Assim, na seção seguinte, será realizada a análise do corpus selecionado, considerando os gêneros discursivos que englobam os escritos analisados. Esse aspecto da teoria bakhtiniana contribui para a melhor descrição do corpus, uma vez que não consideramos a fala como ponto de partida, mas sim a crônica e o diário.

ANÁLISE DOS DADOS: COMPARATIVO ENTRE O DIÁRIO E A CRÔNICA

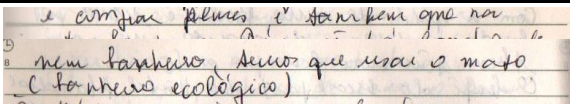
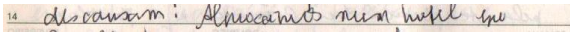
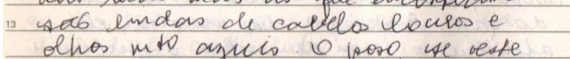
Tendo em vista corpus analisado, isto é, o diário pessoal de Rosa e a crônica Rússia-Moscou (Rosa, 2001), importa entendermos melhor os conceitos de ambos os gêneros discursivos. O primeiro é definido como “[...] uma série de vestígios datados” (Lejeune, 2008, p. 259), sendo considerado um gênero discursivo primário, visto que o diarista “[...] tem 10 minutos para evocar 24 horas [...]” (Lejeune, 2008, p. 296), evidenciando o seu caráter imediatista. Um diário pode ter diversos estilos de escrita, pois cada diarista pode adotar a forma que desejar, mas, diferente de outros gêneros, é necessário “[...] escrever certo da primeira vez” (Lejeune, 2008, p. 300), ou seja, não se fazem correções futuras.

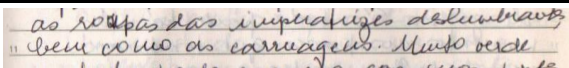
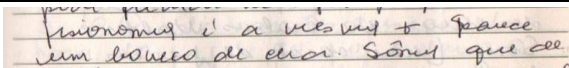
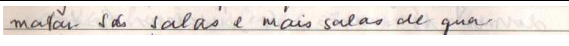
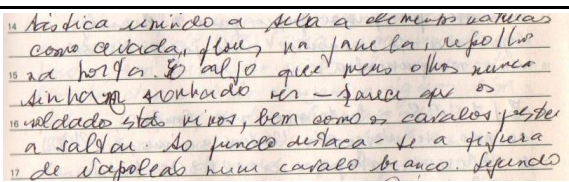
Já a crônica é considerada um gênero de difícil delimitação, devido à sua complexidade e heterogeneidade. Uma definição possível é se tratar de um “[...] texto leve, a expressão do cotidiano” (Dutra; Coelho; Campos, 2012, p. 2810), visto que é originada do ensaio informal, o qual exprime reações pessoais. Também pode-se dizer que é um gênero intrinsecamente associado ao jornalismo, área em que adquiriu seu formato atual, no qual vai “[...] funcionar como comentário quase impressionista sobre o real vivido e apresentar um tom leve, em busca sempre de ser acessível a todos os leitores” (Ritter, 2009, s.p.).

Assim, Ritter (2009, s.p.) afirma haver uma dimensão social na crônica jornalística, dado que esse é um texto que visa entreter o leitor. Já Ferreira (2005, p. 131) amplia esse aspecto da crônica ao defini-la como “[...] um gênero de texto em prosa cuja função social e/ou comunicativa é fazer refletir através da análise ou do relato de episódios, subjetivamente, por intermédio de um autor-narrador [...]”, cuja tipologia é, ao menos, narrativa e dissertativa.

Realizadas essas considerações, passamos à análise do corpus, em que foram encontradas sete ocorrências de variação estilística. Essas serão apresentadas no quadro a seguir, na sequência de um a sete, dispostas em pares que apresentam, respectivamente, os registros no diário e na crônica:

Quadro 1 - Ocorrências de variação estilística no diário e na crônica

	Diário	Crônica
Ocorrência 1	 [...] na estrada pa a Rússia ã há lanchonetes nem banheiro temos que usar o mato (banheiro ecológico).	[...] nas estradas russas, que não dispõem da infra-estrutura turística, os banheiros são a amplidão das florestas” (Rosa, 2001, p. 251-252).
Ocorrência 2	 Passamos o dia inteiro viajando. Ao longo do caminho vimos mtas dachas – casas de campo onde os funcionários descansam.	“Viajamos o dia inteiro, percorrendo ao longo do caminho as casas de campo onde descansam os funcionários graduados [...]” (Rosa, 2001, p. 252).
Ocorrência 3	 [...] Moscou é uma cidade grandiosa de ruas amplas mto limpas, o povo superdisciplinado. Quase ã se vêem crianças nas ruas mas as que encontramos são lindas de cabelos louros e olhos mto azuis. [...]	“Só existe um termo para falar de Moscou: grandiosidade, espalhada nas ruas muito limpas, por onde circulavam crianças de cabelos louros, olhos muito azuis e centenas de pessoas, reconstruindo a história entre as dificuldades do novo tempo” (Rosa, 2001, p. 252, grifo da autora).

Ocorrência 4	 [...] Peças belíssimas, colares de brilhantes das rainhas, missais com as capas repletas de pedras preciosas – as roupas das imperatrizes deslumbrantes, bem como as carruagens. [...]	“A visita aos tesouros dos czares foi uma demonstração do luxo da aristocracia, o que provocou a revolta da população: colares de brilhante, carruagens e as vestimentas das soberanas repletas de ouro e pedras preciosas” (Rosa, 2001, p. 252-253).
Ocorrência 5	 [...] Na Praça Vermelha fomos visitar o corpo embalsamado de Stalin Lenine – tem-se que entrar em completo silêncio – ã se pode filmar nem fotografar – a fisionomia é mesma + parece um boneco de cera. [...]	“Na Praça Vermelha , entramos em silêncio para a visita ao corpo de Lenine , reduzido a um boneco de cera, que pouco revelava da energia e das virtudes do homem cujas idéias transformaram o mundo” (Rosa, 2001, p. 252, grifos da autora).
Ocorrência 6	 [...] Impressionante um quadro de Pedro Ivan o Terrível, abraçando o corpo ensanguentado do filho que ele mandou matar. [...]	“O quadro, retratando a figura de Ivan o Terrível , abraçando o corpo ensanguentado, do filho que ele mandara matar, pulsa de vitalidade” (Rosa, 2001, p. 253, grifo da autora).
Ocorrência 7	 [...] acabei no Museu Borodino, onde fomos visitar a maior tela do mundo – o João veio buscar-me dizendo que era imperdível eu ã filmar. Paguei 50 rublos bem aproveitados pois se trata de uma obra de mais de 100 metros de extensão, 11 metros de altura, representando a batalha de Napoleão, em Borodino em 1812. O autor do quadro Roubaud fez a obra em 1912, cem anos depois. É uma montagem fantástica unindo a tela a elementos naturais como cevada, flores na janela, repolhos na horta. É algo que meus olhos nunca tinham sonhado ver – parece que os soldados estão vivos, bem como os cavalos, prestes a saltar. Ao fundo destaca-se a figura de Napoleão num cavalo branco. [...]	“Outra visita surpreendente foi ao Museu Panorama no qual a obra A Batalha de Borodino , representando a derrota de Napoleão , em 1812, ocupa o espaço central. É uma tela impressionante de 115 metros de comprimento e 15 metros de altura, pintada cem anos depois do acontecimento por F. Rubo , que se percorre, dando-se longa volta em torno da obra. Foi feita uma montagem, interligando a tela a elementos naturais, flores nas janelas das casas, repolhos verdes nas hortas, fogo escapando dos tetos das casas de madeira. Ao fundo, os olhos de Napoleão em seu cavalo branco atravessam nossa pele. Paguei 50 rublos para me deixar seduzir pelo aspecto introspectivo das figuras, pela elegância dos cavalos que quase saltam da tela” (Rosa, 2001, p. 253, grifos da autora).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nos excertos do diário de Rosa, prevalece o registro informal, caracterizado pela utilização de abreviações, sinais gráficos e ausência de pontuação. Isso ocorre porque esse é um gênero menos monitorado, visto que escrever um diário é,

geralmente, uma tarefa discreta, realizada “[...] longe do olhar dos outros [...]” (Lejeune, 2008, p. 257), numa situação mais íntima. Outro fator relevante é a impossibilidade, do próprio gênero, de serem realizadas alterações.

Dessa forma, ao assumir o papel social de diarista, ou seja, de alguém que mantém um diário, a autora tem a liberdade de adotar um estilo de registro um pouco mais informal, visto que “é, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro” (Lejeune, 2008, p. 261). Isso ocorre porque “são os papéis sociais de que os participantes estão investidos que determinam a extensão da formalidade conferida à interação” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 91) e o diarista interage consigo própria e com o seu diário, o qual é um espaço em que é possível se refugiar da pressão social por alguns instantes (Lejeune, 2008, p. 262).

Na crônica Rússia–Moscou — uma lembrança para sempre (Rosa, 2001), por sua vez, publicada inicialmente no Jornal Correio do Estado, em 2001, e posteriormente no livro Crônicas de fim de século (Rosa, 2001), o registro adotado é formal. Nesse contexto, no qual a situação é mais monitorada, ou seja, o texto foi planejado, revisado e reformulado para ser vinculado à imprensa, são impostas “[...] regras mais rígidas de conformidade às formas da variedade padrão” (Coelho et al., p. 85), o que não acontece na escrita do diário.

Nessa nova situação de comunicação, altera-se o papel social de Rosa, que passa a ser cronista e a ter em vista o seu leitor. Este desempenha um papel essencial nessa interação, pois a crônica é um gênero produzido para a imprensa, sendo feita “[...] com uma finalidade utilitária e pré-determinada: agradar aos leitores em um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem” (Costa, 2014, p. 91).

Assim, esse é um gênero produzido para ser lido não somente pela autora, como o diário, mas por diversas outras pessoas, consistindo em uma forma de monitoramento que impõe a utilização da variedade padrão. Isso não impede, entretanto, que a escritora utilize outros recursos estilísticos em seu texto — como o destaque em negrito nas referências de autores, locais e países, por exemplo, que é uma característica marcante no estilo de Rosa em Crônicas de fim de século.

Outras diferenças significantes estão relacionadas à forma de processamento entre as formas faladas e escritas. Segundo Kleiman (2002, p. 37), a primeira é considerada mais fácil de ser processada do que a última, mas, geralmente, isso ocorre porque comparamos gêneros com graus de dificuldade muito distintos. Trazendo como exemplo de nível semelhante o bate-papo e a carta informal, a autora explica que, nesse caso, “[...] seria a relação entre os

interlocutores, isto é, a função interpessoal, a mais importante” (Kleiman, 2002, p. 37).

Ao fazer essa relação com os trechos retirados do diário pessoal de Rosa, é possível observar que, assim como na carta e no bate-papo, a função interpessoal é importante, não em uma relação com o outro, mas da diarista consigo mesma. Nesse sentido, há maior preocupação com os sentimentos, opiniões e impressões da autora, como na Ocorrência 4, em que a autora utiliza os adjetivos “belíssimas” e “deslumbrantes” para caracterizar alguns itens da aristocracia vistos em um museu, enquanto na crônica esses termos são omitidos.

Isso ocorre porque, na crônica, a preocupação é com a Rússia, a história desse país e os seus reflexos para a população, visto que — assim como no texto acadêmico e na aula, exemplos que Kleiman (2002, p. 37) apresenta como sendo textos de compreensão mais difícil — a função referencial da linguagem é privilegiada. Desse modo, a escrita desse gênero é feita “[...] sem a urgência de ir produzindo e ajeitando a produção ao mesmo tempo que se está pensando [...]” (Kleiman, 2002, p. 37), refletindo no modo como o texto é organizado.

Ao compararmos a Ocorrência 1, por exemplo, observamos que, no diário, Rosa (1998) abrevia diversas palavras e não utiliza a vírgula para delimitar a diferença de sujeito nas duas orações (impessoal na primeira; primeira pessoa do plural na segunda) — “na estrada pa a Rússia ã há lanchonetes nem banheiros” e “temos que usar o mato (banheiro ecológico)”. Já na crônica, além da ausência de desvios ortográficos quanto à norma padrão, ocorre o uso de uma oração subordinada adjetiva explicativa (“que não dispõem da infraestrutura turística”), a fim de referenciar melhor a situação das estradas russas para o leitor.

Também na Ocorrência 7, a autora apresenta, em seu diário pessoal, informações a respeito da obra A Batalha de Borodino, de Franz Roubaud, que não correspondem à sua real dimensão quando menciona que “se trata de uma obra de mais de 100 metros de extensão, 11 metros de altura”. Na crônica, Rosa (2001) corrige esses dados, informando as medidas reais da tela, fato que revela tanto a situação de comunicação imediata do diário quanto a possibilidade de revisão e reescrita, no contexto da crônica.

Frente ao exposto, é possível compreender que as diferenças observadas entre o diário pessoal de Rosa e a crônica Rússia-Moscou (Rosa, 2001), evidenciam que as escolhas linguísticas da autora são fortemente condicionadas pelas características dos gêneros textuais e pelas situações de interação em que eles se inserem. Enquanto o diário privilegia a expressão subjetiva, a espontaneidade e um menor grau de monitoramento, decorrentes de uma escrita voltada para a própria

autora, a crônica exige maior planejamento, revisão e adequação à variedade padrão, em razão de sua circulação pública e da presença de um leitor efetivo.

Assim, as alterações verificadas entre os dois textos não se restringem à correção de aspectos linguísticos, mas revelam um processo de retextualização orientado por diferentes propósitos comunicativos, determinantes sociais e funções da linguagem, objeto de investigação tanto do Dialogismo Bakhtiniano quanto da Sociolinguística, neste caso representados pelos estudos de gêneros discursivos e pela variação estilística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar a variação estilística presente em duas produções de Maria da Glória Sá Rosa que tratam de uma excursão da autora à Rússia no final da década de 1990: um de seus diários (1998) e uma crônica presente na obra *Crônicas de fim de século* (Rosa, 2001), os quais compõem o corpus da análise. Nesse sentido, apresentamos as ocorrências de variação estilística nos textos, enfatizando as diferenças de estilo entre os gêneros discursivos (Bakhtin, 2016). Nota-se que, no diário, há a utilização do registro informal e, na crônica, do registro formal.

Isso decorre da distinção de papéis sociais exercidos pela autora — diarista e cronista. No primeiro caso, Rosa (1998) escreve para si, sendo sua própria interlocutora, em um gênero que se caracteriza, dentre outros fatores, por uma certa espontaneidade. Já no segundo, entendendo que agora a escritora dialoga não consigo mesma, mas com o leitor literário/jornalístico, percebe-se o porquê de ela adequar seu discurso à norma padrão. É notável, então, como o interlocutor influencia seu uso da língua.

Desse modo, o diário, dado seu caráter espontâneo, acaba por se assemelhar à fala, sendo, pois, dotado de uma função interpessoal, marcada pela informalidade, intimidade — ainda que da autora consigo mesma — e impossibilidade de reescrita. Por outro lado, a crônica, enquanto texto intencionalmente escrito para ser publicado, privilegia a função referencial, ou seja, possui “[...] mais preocupação com o tópico a ser desenvolvido” (Kleiman, 2002, p. 37), no caso, o relato da excursão à Rússia.

Portanto, em seu espaço íntimo, o diário, Rosa escreve para si de maneira informal, privilegiando a expressão natural de seus sentimentos e impressões, em detrimento à estética do texto. No entanto, ao dirigir-se a outro interlocutor, o leitor da crônica, a autora adequa sua mensagem, manejando as palavras e as orações, não só as ordenando para uma melhor compreensão, mas também corrigindo eventuais falhas informativas e construindo uma narrativa. Isto é, a partir da

transposição do mesmo referencial de um gênero discursivo para outro, pode-se notar a variação estilística oriunda da influência de cada situação comunicativa.

Nessa direção, podemos ratificar a perspectiva interdisciplinar da Sociolinguística, posto que, ao estudarmos o corpus ora analisado, pudemos evidenciar a variação linguística presente nas produções de Rosa, objeto de estudos sociolinguísticos, em textos escritos que demonstram sua relação com os gêneros textuais estudados por Bakhtin.

Finalmente, consideramos também, por meio deste texto, além de compreender a língua em uso em suas nuances e em sua dinamicidade, também divulgar esse espaço de memória, cultura e identidade: o Acervo Maria da Glória Sá Rosa (AMGSR), evidenciando como língua e sociedade se relacionam por meio da cultura.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov.
- BENÇAL, D. R.; BARONAS, J. E. de A.; SEMCZUK, W. A. de F. A variação estilística na fala dos moradores castrenses e londrinenses: em busca do diminutivo -inho. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 1, p. 334–352, 2013.
- BORIN, M. A. (Org.). *Sociolinguística 3º semestre*. Santa Maria: UFSM, 2010.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CABRAL, D. de S. Dialogismo intergenérico nas narrativas de vida de Maria da Glória Sá Rosa. Orientador: Aline Saddi Chaves. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado) – Letras – UEMS, Campo Grande, MS, 2024. 32 p.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 141-156.
- CHAVES, A. S.; SANTOS, R. C. Z. Memória (auto)biográfica e memória histórica: O Acervo Maria da Glória Sá Rosa. *História e Cultura*, v. 13, p. 147–168, 2024.
- COELHO, I. L.; et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/EFSC, 2012.
- COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- DUTRA, L. R. ; COELHO, M. A. P. ; CAMPOS, E. T. Crônica: nos limites da literatura. *Anais do XVI CNLF*, Rio de Janeiro, p. 2806–2818, 2012.
- FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

- FERREIRA, S. C. S. *A crônica: problemáticas em torno de um gênero*. 2005. 206 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2005.
- FREITAG, R. M. K. ; LIMA, G. O. S. *Sociolinguística*. 2010.
- KENEDY, E. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.
- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 9º ed., Campinas: Pontes, 2002.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Carolina Rodrigues Cardoso.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais (parte 1). *DLCV*, João Pessoa, PB, v. 1, n. 1, p. 9-40, out. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7434>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- MCCLEARY, Leland. *Sociolinguística*. Curso de Letras/Libras. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. *Letras, [S. l.]*, n. 40, p. 147–162, 2010. DOI: 10.5902/2176148512149. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12149>. Acesso em: 29 out. 2024.
- RITTER, L. C. B. Gênero discursivo crônica: um estudo do contexto de produção. In: *SIGET Simpósio Internacional de estudos de gêneros textuais*, Caxias do Sul, 2009.
- ROSA, M. da G. S. *Crônicas de fim de século*. Campo Grande: UCDB, 2001.
- SANTOS SILVA, H. *Fundamentos linguísticos: estudos sociolinguísticos*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2015.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1999. Organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.
- SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1076–1094, 2016. DOI: 10.14393/DL23-v10n3a2016-15. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 1 nov. 2024.

Enviado em: 22 de abril de 2026
Aprovado em: 21 de julho de 2026